

Magistratura de cobardes?

Os conservadores, quer escrevem, quer falam, argumentam, para defesa das deportações, que a magistratura tinha receio de julgar indivíduos acusados de delitos de carácter social e de carácter pseudo social. Dêsse receio, segundo palavras e escritos desses conservadores, resultavam, inevitavelmente, absolvições. Dêsse receio resultava, segundo os mesmos poderosíssimos defensores da actual ordem social, que o aparelho jurídico da sociedade estava emperrado; as molas da justiça—que o dinheiro tantas vezes faz mover—estavam paralisadas pelo medo dos juizes.

E esses venturosos, sofrendo das suas digestões difíceis, mamando lentamente seus enormes charutos, chegavam, sem um sobressalto, com uma tranquilidade chinesa, à conclusão de que o Código Penal era um farrapo de papel, amarrado convulsivamente pelas mãos dos juizes, estarecidos de medo.

A sociedade burguesa, desde que declara a impossibilidade do funcionamento dos seus processos repressivos, afirma implicitamente que degenerou na pior das decadências, que rolou na pior das abjecções morais: a cobardia.

As deportações significam, portanto, que a magistratura é composta de cobardes. Não somos nós que o dizemos, são os conservadores quem o afirma. E dirão a verdade os conservadores? Não o negamos, nem o afirmamos. A negativa envolveria uma defesa da magistratura e nós não defendemos uma justiça estreita, uma justiça de classe—justiça inventada para esmagar as nossas aspirações, justiça feita de propósito para nos condenar.

Examinemos a acusação—essa acusação que tem vindo a lume nos jornais conservadores e até em declarações de ministros. Que fez a magistratura, violentamente agravada? Defendeu-se, alegando que nunca o medo a desviou? Assumiu uma atitude franca, confessando abertamente possuir a cobardia de que a acusam? Nem se defendeu, nem se confessou. Calou-se.

Intimidada? Confrangida? Calou-se, por comodidade. A magistratura parece não ter sistema nervoso e viver exclusivamente uma vida de estômago. Não parece composta de homens. Os juizes não dão a impressão de homens que resolveram calar-se, mas de sacos digestivos que não se afastam duma função que os não distingue dos mais rudimentares animais.

O silêncio da magistratura coloca-na na mais aviltante das situações, na pior baixaza a que um grupo de homens pode descer. Esse silêncio, comprometendo-a, compromete a sociedade que lhe paga para a defender. A cobardia—real ou fictícia—da magistratura tem servido de justificação aos piores crimes.

Encarnemos um pouco o espírito burguês e façamos este raciocínio: se um criminoso cae sobre a alçada da justiça o seu dever é condená-lo. Mas se a justiça, diante do criminoso, estáca, o fita com temor e o absolve, condena-se a si mesmo e a sociedade de que ela é um dos mais sólidos e tradicionais alicerces. E segundo dizem os conservadores, a atitude da justiça perante os criminosos tem sido: fugir.

A cobardia do juiz sobrepõe-se, então, a ferocidade da polícia, cuidadosamente cultivada nas alfurjas sinistras do governo civil. Contra o criminoso atremessa-se o criminoso, ao crime responde-se com o crime. Exemplar: a tragédia ignominiosa dos Olivais. Consequências: a pena de morte investida na pessoa do 27 da 4.ª que dá e tira a vida ao semelhante, porque no seu cérebro tacanho a pessoa que ele matou era uma pessoa que não tinha o direito a viver.

As deportações são a confissão da cobardia desta sociedade; são um golpe cobarde, vibrado numa crise de pavor. O crime que elas simbolizam é um crime de poltrões. O poltrão criminoso é o pior dos criminosos. Esta sociedade de poltrões é a pior das sociedades.

Que ninguém, das tribus conservadoras, ouse arrojir uma pedra a este artigo! Seria uma audácia que esparrinhava lama, lama que ia bater em cheio na face de quem nos atacasse, lama tão vil que só a existência desta sociedade consegue criar e que constitui a sua mais saliente característica moral.

NA PERSPECTIVA DE UMA GREVE DE INFLUENTES...

A vida dos jornais obriga ao cultivo estenuante de relações. O jornalista é fatalmente uma pessoa muito bem relacionada. Houve já um colega que entrevistou o lpano, o famoso paquiderme do Jardim Zoológico, os cavalos do «raid» hípico e outros têm havido que têm escutado a palavra singularmente humana de muitos cabos de ordem e de alguns ditadores.

Não é, pois, de estranhar que eu conheça e me dê a demorada cavaca com deputados veteranos, espirotoos e sagassíssimos candidatos do «fauteuil» parlamentar.

Recolhe-se dessas cavaqueiras preciosas esclarecimentos, como vai ficar provado no recorte da entrevista que acabo de realizar com um curioso espírito da fauna que se dá ao vício de roer à mesa do orçamento.

—Não vi o seu nome nas listas dos candidatos... Complicação política?

—Não meu amigo... Complicação económica.

—Económica? —E verdade! Os tempos mudaram. As eleições estão caríssimas. Os influentes esfolam os candidatos.

—E um curioso aspecto da vida eleitoral.

—E como o meu amigo é um homem de espócio, espírotoos, acrescento: —Mas esse encarecimento do sufrágio deve-se certamente ao aumento do preço do carneiro... Não?

—Ora... Ora... Os tempos do carneiro com batatas já vão longe... muito longe mesmo. Era uma época feliz, essa. Um candidato propunha-se com meia dúzia de patacos.

—Agora? E' um horror!

—Então?

—Os influentes acabaram completamente o rebanho de eleitores. Dispem deles como lhe apetece, e somos obrigados a tratar com eles, e não com aqueles que nos dão o voto. E' o intermediário a meter-se em tudo. E' a nossa época meu amigo. Faz-se negócio de tudo. E então que negócio.

—Muito louco?

—Não imagina. Os influentes são duma audácia, duma tal exigência que muitos colegas meus desistiram da sua candidatura, simplesmente por esse facto.

Extraordinário!

—E' a nossa época! A febre do lucro. O dinheiro a sobrelevar tudo, a impor-se a todas as ideias. Actualmente não há princípios, não há convicções. Há negócios, só negócios. Estamos nas mãos dos influentes. As eleições são já uma grande indústria.

—Indústria?

—Naturalmente! Noutros tempos, ainda um candidato conseguia apanhar um influente ingénuo, um bom homem, que se dedicava a mobilizar votos, com o simples intuito de alcançar um insignificante melhoramento para a sua terra. A maior parte prometia, e depois de se apanhar com o «fauteuil», passava a dormir no Congresso a sua sonoca, e nunca mais se lembrava dos pobres diabinos da região que representava.

Ora estas promessas, estas mentiras são de prejuicarmos tudo. Os influentes estão escaudados. Já não se fiam em promessas, e então, vá de montar a indústria com toda a segurança. De excesso em excesso, chegaram ao desaforo dos nossos dias.

—E como se manifesta esse desaforo?

—Destá maneira: já não pedem o combóio à porta, um benefício de irrigação ou a construção de qualquer edificio público.

—Então?

—Pedem dinheiro. Querem situações, empregos para os filhos, complicitades nas suas falcatruas. Imagine que um desses figurões quis arrancar-me, como num contrato, a declaração escrita em como eu me comprometa a colocar num Banco um sobrinho de moral duvidosa. Estão insolentes. Houve um outro cavalheiro que pedia protecção para que no ministério dos Estrangeiros o auxiliassem no contrabando!

E querem logo ali, assinado, oferecendo eles também um papelucho, em que se comprometem a arranjar tantos votos!

—E os candidatos que fazem?

—O que é que eles não fazem?... Aceitam este despotismo, arruinando-se quasi. Por mim, que não estive pelos ajustes, entendo que os candidatos devem obter uma forte resistência. Senão estamos perdidos. Os influentes já ameaçam. Por este andar, esses cavalheiros organizam-se em associação de classe, e um belo dia impõem uma exigência colectiva e se os candidatos repontam, temos uma greve... uma greve de influentes...

—Ainda se fôsse uma greve de eleitores...

E. F.

Os franceses na Síria

Como oficialmente as coisas parecem bonitas

PARIS, 5.—O ministério dos Negócios Estrangeiros publicou uma nota oficiosa relativa aos tumultos ocorridos em Damasco no dia 18 de Outubro.

Segundo a mesma nota, as disposições tomadas em vista à repressão da revolta foram muito moderadas em comparação com a importância do movimento.

Nenhum civil europeu foi ferido ou morto e as tropas tiveram uma dezena de mortos, entre os quais três franceses, e 3 feridos, sendo dois franceses.

O parlamento francês discute o problema

PARIS, 5.—Inicia-se esta tarde na câmara dos deputados o debate sobre a data da interposição relativa à situação em Marrocos e na Síria, devendo dar origem a uma importante discussão.

O chefe dos rebeldes feito presidente da república

BERLIM, 5.—Segundo notícias recebidas da Síria, o chefe rebelde Bakri proclamou-se «ele próprio» presidente da República da Síria e comandante geral das tropas revolucionárias.

Bakri tem por fito apoderar-se da cidade de Damasco, depois do que apelaria para a Sociedade das Nações a favor da nascente república.

O hospital de São José vai dotar a cidade com um balneário modelo, que pode ser utilizado por aqueles que precisam banhar-se

O balneário em exercício no hospital de São José enferma do anacronismo que há oito dias vem merecendo os nossos repares. E' uma dependência suja, com uma dezena de cabines que comportam outras tantas banheiras muito velhas, com uns leves vestígios de pintura.

A capacidade das cabines é de pouco mais dum metro em quadrado e dois de altura. A higiene está nivelada àquela que o leitor encontrou noutras dependências, agravada aqui com a circunstância de estar em contacto permanente com o público. Isto é, o balneário referido não é apenas para uso dos internos. O público pode utilizar-se dele mediante o pagamento de 1\$20 por cada banho-limpeza.

O leitor que se dê ao incomodo de ao domingo de manhã—8 horas o máximo—visitar aquela dependência, que fica à esquerda quando se entra no velho edificio de São José, encontrará ali algumas dezenas de operários que ali vão banhar-se. As condições higiénicas não são excelentes, eles bem o sabem. Mas como poderá um operário que carece de lavar-se, que precisa de expurgar da epiderme as impurezas que num labor árduo adquiriu, pagar 5\$00 e 7\$50 por um banho, num desses balneários cidadãos? Por não poder pagar essa exorbitância, o operário recorre ao balneário do hospital de São José, porque adquiriu noções de higiene inerentes à sua condição humana. E seremos nós que lhe iremos a mão?

Longe de nós tal pensamento. O que pretendemos é focar claramente o que é essa dependência, pouco recomendável para pessoas que não sofrem de moléstias, especialmente epidémicas.

Felizmente vai acabar aquele sujo balneário! O dr. João Pais de Vasconcelos indica-nos agora o caminho para o novo balneário, em construção, junto à casa mortuária, em frente da chamada porta do carro.

O «reporter» que acabará de sofrer uma forte comoeção, com a revelação feita pelo dr. João Pais sobre os recursos sanitários do hospital de São José em caso de epidemia, vibrou de contentamento com as modernas instalações que vai possuir o novo balneário. De construção abobadada, possui em perspectiva cerca de três dezenas de cabines, que serão utilizadas pelos doentes e pelo público.

O dr. João Pais, que como o leitor tem observado nos cumulos de atenções, explica-nos qual a função que vai desempenhar o balneário.

O balneário que os senhores vêem em obras tem sido combatido por várias pessoas.

Um apelo da C. S. T. ao proletariado e aos Sindicatos de Lisboa

A Câmara Sindical do Trabalho, como é do conhecimento dos nossos leitores, não acedeu a fazer parte da Liga dos Amigos dos Hospitais, por a sua estrutura não lho permitir. Mas, essa atitude que era a única que logicamente podia assumir, não significa, a pesar de muitas especulações e muitos especuladores insinuarem o contrário, desinteresse pela situação precária em que os hospitais se encontram.

A C. S. T., legítima representante do proletariado lisboeta, não podia desinteressar-se dum problema tão grave e dum tão grande importância para todos aqueles a quem uma doença surpreende sempre sem recursos. O Estado não cumpre o seu dever negando aos hospitais uma pequena parte do que esbanja com um exercito eminentemente parasitário e inútil, as classes endinheiradas refugiaram-se no seu egoísmo não dando umas ratinhadas migalhas ao fim altruista, escusando-se ao cumprimento dum dever social que reverteria, em grande parte, em seu próprio proveito.

A Câmara Sindical do Trabalho, em face desse desinteresse e desse egoísmo criminosos, resolveu apelar para o operariado a fim de que este concorra, na medida das suas minguadas posses, para eliminar algumas das muitas deficiências dos hospitais. E ao fazer este apelo lembra aos trabalhadores que ele não pode, nem deve desinteressar-se da situação dos hospitais.

Aos sindicatos se dirige lembrando-lhes a conveniência de iniciarem, nas classes que representam, pelos meios que acharem mais proficuos, subscrições destinadas a acudir à deplorável situação em que os estabelecimentos hospitalares se encontram.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A generosidade de um médico

A esposa do manufactor de calçado José Miguel, residente em Sintra, deu à luz uma criança. Como o parto requeresse intervenção cirúrgica, José Miguel teve de chamar à pressa o dr. Rino. O referido manufactor de calçado está há oito meses sem trabalho, mas o médico não teve por esse facto a menor consideração—exigiu-lhe 800 escudos para fazer a operação necessária. O operário procurou obter dinheiro emprestado, porque de contrário o dr. Rino seria capaz de deixar morrer a parturiente. Por felicidade, outro médico fez as vezes do dr. Rino, sem formular as exigências deste. E' digna de registro a generosidade do dr. Rino.

Mais ódios

O circuito hípico de Portugal foi, à parte os lucros do Diário de Notícias, uma luta de castas—a civil e a militar. Venceu a civil. José Tanguinho tornou-se o ídolo dos civis. Os militares bem o sabiam—por isso não lhe perdoam a vitória. O que é lamentável é que a grande imprensa, em vez de servir-se da sua influência para educar o povo, perca o seu tempo com estas patacoadas de circuitos e festas de mercados que apenas descaçam. Desta prova desumana e bárbara para os pobres cavalos que ficaram estropeados, nada mais resta senão ódios pequenos, rasteiros, para juntar aos muitos que existem já neste país.

O ódio do pasquim

A propósito daquele caso de envenenamento ocorrido há dias na esquadra do Caminho Novo, do qual foram vítimas dois dos presos, O Século, no seu proverbial ódio ao operariado, bolsa sobre as vítimas do envenenamento as maiores insidias, atribuindo-lhes pretextos de evasão, etc., etc.

Na sua fúria odiosa, chega a afirmar que da lavagem que foi feita aos presos nada de anormal resultou que pudesse justificar um prenúncio de envenenamento. Para se avaliar quanto de parva tem esta afirmação basta saber que do hospital de São José nos enviaram uma nota referindo a passagem dos presos pelo banco, que não

diz que não tivesse havido sintomas de envenenamento.

Aquele camaleão fazia muito melhor figura inscrevendo no seu cabeçalho, como sub-título: «órgão da polícia de segurança pública».

A industrialização da mendicância

A crise de trabalho, cujas consequências funestas se têm feito sentir em milhares de casas, serviu à maravilha para uns cavalheiros que fazem profissão de mendigo. A pretexto da falta de trabalho, alguns desses mariolões dirigem-se a miúdo a casas comerciais e a toda a parte onde lhes cheira a dinheiro, implorando uma esmola.

Ultimamente o gesto destes intrusos atingiu fôrça de descaramento. Utilizando-se da caderneta confidencial, cuja legitimidade é muito discutível, apresentam-se como operários sem trabalho, quando da maioria deles não se sabe ao certo qual a verdadeira profissão.

Porque em algumas casas se tinham exibido desses degradantes espectáculos, alguns nossos amigos procuraram-nos para referirmos à inconveniência, o que gostamos fazemos, certos de que estamos em presença dum indivíduo que para viverem não tem rebuço em recorrerem a tão baixo processo.

Os grandes desastres

Dique que se rompe

LONDRES, 5.—Rompeu-se o dique do lago Eigan, tendo originado 27 vítimas.

Os rendimentos dos operários

LONDRES, 5.—Numa explosão de grist em Pendleton, cerca de Salford, morreram 5 mineiros e um ficou gravemente ferido.

As eleições municipais em Londres

LONDRES, 5.—Nas eleições municipais de Londres, os conservadores obtiveram 938 lugares, os trabalhistas 364, os independentes 37 e os liberais 27.

A fobia do Severiano portuense contra os taxis a preços módicos

O mestre Severiano, o principal orientador da Carris de Ferro do Porto, não está satisfeito com a «proletarização» dos automóveis.

Que o povo trabalhador tenha um pouquinho de direito a ir, de eléctrico, da praça da Liberdade a Campanhã, à Boavista ou praça Marquês de Pombal, ou vice-versa, por \$90, ainda poderia ser, ainda poderia admitir-se. Mas que, por \$100, possam criaturas de todas as categorias sociais, desde o calçado ao descalço, o bem vestido ao mal arranjado, ir de automóvel para os mesmos pontos, pera a Aresoa ou Fonte da Moura mediante mais 1\$00 ou \$50—isso é que os da Carris não podem conceber...

Malditos taxis lisboetas que viessem despertar a uma dúzia de proprietários de Fiats, de Fords e outras marcas de automóveis inferiores, a terrível ideia de estabelecerem carreiras ao preço de \$100... quando esses automóveis devam estar, por prolongadas quadras de tempo, paralisados na praça da Liberdade ou praça da Batalha... à espera de clientes...

Isto de se «proletarizar» os carros destinados à burguesia, equivaie quasi a uma «nivelção social», a tirar a barriga de miéris a muitas criaturas que não tiveram ainda o delicioso prazer de deslizar num auto, de ir de fuga a um determinado ponto, como qualquer negociante, como qualquer industrial, como qualquer capitalista...

Mas não só é um mau costume o habituar-se ao povo a ir, depois do seu trabalho, para os arredores da cidade onde mora, em automóvel a preços quasi idénticos, relativamente, aos dos eléctricos—como também é um prejuizo sensível para os lucros severianos em troca dum péssimo serviço...

E então, para maior arrelia, o movimento de gente à espera dos automóveis de «carreira», que não têm mãos a medir, tem sido espantoso...

O povo «miúdo», o proletariado, regista-se a esta medida de carreiras de automóveis, a cujos Fiats e Fords se têm juntado também bons europeus.

Mais do que a própria aproximação das turbulentes chapéadas eleitorais, a «proletarização» do automóvel é o ponto, isto é: o facto culminante que presentemente se constata na cidade tripeira.

Estas corridas de automóveis a \$100, \$150 e \$200, que se vão desenvolvendo, não são muito bem vistas por alguém. E assim, verificaram-se ontem alguns actos contra os automóveis «proletarizados», «populares»: para os pneus rebentarem, espalharam por diferentes pontos inúmeras tachas, pregos, etc.

Afirmam uns, que foi obra encomendada pela Carris, em virtude da concorrência que lhe é feita pelas citadas carreiras automobilísticas. Outros atribuem-no aos cocheiros, pelo mesmo motivo.

Seja como for: a «proletarização» dos automóveis é o progresso cá da terra, combatido por uns e defendido pelo operariado, que também se julga com direito a andar de automóvel...

Os cadastros e a prisão injustificável de operários

Sobre as prisões de operários, que se mantêm só porque a polícia afirma terem um grande cadastro, publicou ontem a Imprensa Nova um criterioso artigo. Dele nos permitimos reproduzir os seguintes períodos:

«Em tempo, um juiz de Investigações, o sr. dr. João Eloy, querendo argumentar com o político que lhe pediu a libertação dum preso, mostrou-lhas fixas que lhe diziam respeito e agostrou-lhas num ar triunfante. A frente o retrato; por detrás as culpas. Havia assim umas quinhetas e algumas de tal maneira complicadas e extensas que fôra necessário acrescentar mais folhas aos cartões para que neles coubessem todos os delitos dos arguidos. Na maioria, esses homens eram serventários de partidos políticos, viviam dos favores dos grandes, pertenciam à clientela de determinados trunfos e gosavam de suas benesses. Alguns entravam como continuos ou serventes para as repartições e iam para os cafés continuar a serventaria, isto é, fazer a propaganda ou os fretes que lhes encomendavam. No fim do mês recebiam, e recebiam ainda, os ordenados e metidos em tarefas ignóbeis, assaltando redações, atacando até os melhores homens do regime à mão armada.

Cadastros! Mas se fôsse possível aplicar as penas da prisão a todos os que os têm e andam na política seria preciso cercar com uma grade o vasto Terreiro do Paço.

Isto, porém, são apenas devaneios. Os operários alcançados nessa rede só têm dois caminhos: ou venderem-se à polícia ou... o degrêdo.

João Maria Major, vítima duma cabala policial!

Escreve-nos Manuel dos Santos Quintas, que se encontra preso no calabouço 8, do Governo Civil, por ter disparado alguns tiros de pistola, sobre um industrial de Setúbal, para nos dizer que João Maria Major, se encontra inocente, pois não teve no atentado a mínima participação.

Diz-nos ainda Santos Quintas, que foi intimado pela polícia que o coagiu a acusar João Maria Major.

Inferese de destas declarações que os industriais de conservas de Setúbal, se mancomunaram com a polícia para exercerm sobre João Maria Major, uma cobardíssima vingança. Santos Quintas, declara-nos na carta que nos enviou, estar na disposição de fazer novas declarações a fim de destruir as que fez, devido às ameaças policiais que o intimidaram.

Em tudo isto há um facto que se nos afigura pouco correcto: é Santos Quintas só se resolver ao fim de tanto tempo confessar a inocência de João Maria Major a quem as suas falsas declarações fizeram perder a liberdade.

O reconhecimento do governo persa

PARIS, 5.—Os soviets e a Inglaterra reconheceram o poder de Rizá Khan, ditador da Pérsia

Ainda o romance asqueroso lido por um garoto com a mania da celebridade

Uma atitude louvável do «Diário de Notícias» para com o Comité Confederal

O Comité Confederal, como lido representante da Confederação Geral do Trabalho, em resposta a uma entrevista concedida por um garoto de nome António Ferreira a um redactor do Diário de Notícias, enviou a este matutino uma nota oficiosa que foi publicada na integra.

Registamos com grande prazer a atitude louvável do Diário de Notícias, atitude que muito contribuiu para que as alevisias de António Ferreira pudessem ser pulverizadas no mesmo terreno onde foram publicadas.

Para que os nossos leitores tomem inteiro conhecimento do conteúdo da nota aludida vamos dar-lhe integral publicação:

«O Comité Confederal reuniu ontem extraordinariamente e, entre outros assuntos, ocupou-se duma entrevista publicada no «Diário de Notícias» do passado domingo entre um seu redactor e António Ferreira Júnior, um menor que há tempos se colocou ao serviço do sr. governador civil e da polícia.

O Comité Confederal da C. G. T. declara conhecer o indivíduo em referência, por ao mesmo lhe ter sido confiado algum trabalho dactilográfico na gerência do Comité anterior, num momento em que ele, confessando-se abandonado pela família e sem recursos, por estar desempregado, carecia de auxílio para alimentar-se. Este facto deu-se em princípio do ano corrente, depois já de os seus serviços terem sido dispensados pela administração de A. Batalha, onde trabalhou meses antes, por falta de assiduidade, etc.

Até então tal criatura não era conhecida, jámal havia frequentado os organismos sindicais; e, porque não podia merecer qualquer consideração por virtude das suas manifestações tendenciosas quanto à acção que, num misto de aventura doentia considerava dever ser violenta e pessoal, posto que se supunha idóneo e autorizado a emitir opiniões sem que para isso fosse chamado, foram dispensados também aqui os seus serviços.

A entrevista publicada no Diário de Notícias, pelo menos no que se refere à C. G. T., deverá constituir um «film» em que Ferreira Júnior quise brilhar como herói, já que de outro modo não o pôde conseguir. A C. G. T. é absolutamente estranha a quaisquer agrupamentos, cuja orientação é diferente dos seus objectivos. Tem prestado e prestará às Juventudes Sindicistas a sua solidariedade no que respeita aos seus trabalhos de propaganda e de educação, em conformidade com as publicas resoluções dos seus congressos.

Não tem, pois, fundamento algum o auxílio monetário que o menor Ferreira Júnior diz ter a C. G. T. prestado ao pseudo «comité de acção directa» das Juventudes para as tenebrosas fantasias que o seu espírito doentio fez transmitir ao redactor do Diário de Notícias.

A C. G. T., com as suas contas perfeitamente em ordem, pode demonstrar à face dos seus livros e documentos de despesa, que do seu cofre jámal saíram quaisquer percentagens para outros fins que não sejam perfeitamente honestos e respeitantes à vida e à acção confederais, publicamente demarcados nos seus congressos e constantes dos seus estatutos.

Se o menor Ferreira Júnior fôsse pessoa idónea, este comité exigir-lhe-ia provas da afirmação de que a C. G. T. subsidia indivíduos que atentam ou atentaram «contra as pessoas que não são simpáticas»—como afirmou—à este organismo.

Não é. Este Comité, impossibilitado de obter aquela demonstração—única maneira de se confirmar uma acusação tão grave—apenas poderá inferir que essa acusação foi bolsada com o fim de se preparar ambiente favorável a uma futura perseguição à C. G. T. por quem nunca tenha conveniência.

Entretanto cumpre afirmar—o que, aliás é bastante conhecido—que a acção confederal é uma acção de classe, colectiva portanto, e não pode visar indivíduos em particular; dirige-se ao proprio sistema capitalista; é contra a organização que o mantém. Luta, pois, contra o patronato, como instituição, e não contra os indivíduos, como pessoas. E combater uma instituição que é a base dum sistema injusto jámal significou atentar contra pessoas cuja morte não contribuiria para a desapareição da injustiça social.

A C. G. T. julga-se dispensada de fazer mais considerações sobre a entrevista, especialmente pelo que respeita à pretendida distribuição de armamento na sua sede. É possível que no edificio onde está instalada, no patio ou nos corredores de entrada, tivesse sido feito aquele serviço, como poderia ter sido feito em igualdade de circunstâncias noutro edificio. Nada sabemos a tal respeito. O que afirmamos é que esse serviço não se fez na sede da C. G. T. ou na de qualquer outro organismo no mesmo edificio instalado.

Cremos ter reposto as coisas no seu lugar. E se o Comité Confederal da C. G. T. vem a público com a presente nota, e no proprio Diário de Notícias é unicamente para que os leitores da entrevista não suponham que o seu silêncio representa aquiescência às afirmações que, nem por partirem dum menor que tem vivido a expensas do sr. governador civil, deixam de produzir maus juizos no espirito de quem a leu e que não conhece a posição moral deste organismo nacional.

O reconhecimento do governo persa

PARIS, 5.—Os soviets e a Inglaterra reconheceram o poder de Rizá Khan, ditador da Pérsia

Um manifesto contra as deportações

O Centro Feminino de Educação Social, do Porto, editou um comovedor manifesto contra as deportações, fazendo-o distribuir profusamente. Dêse manifesto apaz-nos reproduzir alguns dos seus períodos mais importantes:

«Admitindo como certa a interpretação psicológica dum grande orador, nunca, como agora, a mulher portuguesa deve demonstrar essa «nota vibrante, esse traço vigoroso, essa sua nítida feição» de feminismo sensibilizador, perante as atrocidades que os cruéis governantes desta abandonada república estão perpetrando contra o operariado.

Mães, esposas, filhas, mulheres das fábricas e dos ateliês, «sacerdotisas do lar, directoras da família, operárias da educação, mensageiras e dispensadoras do bem» — não reparais que toda aquela violência prisional e deportatória é devida a um capricho duns tantos homens que, agachados no poder, detestam as sublimes ideias de perfeição humana, da felicidade dos povos? Não vêdes que amanhã, se não houver um protesto enérgico contra as deportações de indivíduos para a África e contra as arbitrárias detenções de criaturas inocentes, nos podem levar os filhos, os maridos, os pais, os irmãos, só porque pensam ver n'elles uns idealistas que predica o bem para toda a humanidade?

Neste momento todas as manifestações do génio feminino se devem concentrar numa atitude galvânica contra os governos, os poderes constituídos, as autoridades que deportam, que assassinam trabalhadores inocentes.

As duas últimas conferências, a-pesar-de realizadas no centro da cidade, a última na sede da U. S. O., estiveram para não se efectuar por falta de ouvintes.

A-pesar-de diariamente convidado o proletariado a inscrever-se sócio, não o fariam e os poucos inscritos (174) como durante o verão não se podessem realizar conferências, por estarem ausentes os indivíduos que as podiam fazer, deixaram na sua maioria de pagar cotas, afirmando que não sabem o que tem sido feito ao dinheiro, porque se esquecem, proposadamente, que adquirimos uma projectora por 1.000\$000 e que tivemos que montar embora não tendo sede, toda a escrita social, adquirindo livros, impressos, etc.

Convocada por duas vezes a assembleia geral para apresentação de contas e nomeação dos corpos-gerentes, a mesma não se efectuou, porque da primeira vez apareceram ao todo três pessoas e da segunda quatro!

Há duas mil e quinhentas circulares para enviar para o correio, há mil e duzentos cartazes de propaganda para distribuir e afixar e não há quem queira aceitar o mais insignificante cargo.

Magoua-me ter durante um ano trabalhado sem alarde, mas metódicamente, na montagem da engenharia administrativa, etc., da U. L., conseguindo com uma pequena receita que a mesma possuía o que é mais imprescindível ao seu funcionamento e não encontrar agora quem, com mais recursos e vagar do que eu, desenvolvesse a actividade necessária ao seu regular funcionamento. E' caso para dizer que, nem depois de mastigado, querem engulir o comer.

Dentro em poucos dias vou convocar novamente a assembleia, oxalá que seja melhor sucedido e que lá apareçam os meus camaradas que não sabem o que foi feito ao dinheiro...

Porto, 31-10-32. — J. Vieira Alves, da Comissão Organizadora.

Um protesto da Federação Ferroviária

A Federação Ferroviária, na última reunião do seu conselho federal, aprovou uma moção contra as deportações, deliberando dar o seu apoio a qualquer movimento de carácter colectivo que sobre a libertação dos referidos presos a C. G. T. venha a efectivar.

Foi também aprovado um protesto contra o assalto da polícia à sede da C. G. T.

SÃO CARLOS

Hoje repete-se o delicioso LEQUE, neste teatro; amanhã faz-se «reprise» da notável peça de Bernstein A RAJADA.

O gado bovino está emigrando para Espanha

O actual governo, na sua política de favoritismo, atendeu as reclamações dos agricultores e dos negociantes de gado, decretando a proibição da importação de gado bovino, colocando assim os consumidores na dependência dos gananciosos.

Informações que recebemos de Ciudad Rodrigo confirmam aquilo que já muito sabíamos: o gado está «emigrando» para Espanha. Na fronteira não se apresentam as menores dificuldades aos autores d'esse contrabando criminoso. O gado passa livremente pela fronteira. Um amigo nosso que se encontra numa povoação fronteiriça de Espanha constatou a entrada de 800 cabeças de gado.

Se este contrabando continuar, dentro em pouco, haverá falta de carne — e esta subirá de preço. Foi para realizar esta manobra que o actual governo decretou a proibição da importação de gado!

TIVOLI

TEL. N. 5471
— AS 8 h. 314 —

A TERRA DE PROMISSÃO

Superfilm em dez partes
— COM —

RAQUEL MELLER

Duas cine-farças com

PAMPLINAS e VIRGINIO

Uma revista de actualidades

ORQUESTRA DE ARTE

Ainda o assalto à C. G. T.

Em reunião da direcção do Sindicato do pessoal assalariado do Depósito Central de Fardamentos, foi resolvido protestar contra o assalto à Confederação Geral do Trabalho, ao jornal A Batalha e outros organismos operários levado a efeito pelas autoridades.

O proletariado do Porto não está correspondendo à iniciativa da Universidade Livre

E' doloroso constatar, que decorrido um ano após a fundação deste organismo de educação popular, nada há feito em prol do seu desenvolvimento, mercê da indiferença com que tão bela iniciativa foi recebida, especialmente pelo proletariado.

Queixa-se este que a U. L. nada tem feito e queixou-me eu, que quasi sózinho à sua frente tenho estado, da atitude de enervante expectativa, assumida pela massa, que notando serem poucas as conferências realizadas (6) não compareceu, sequer, a essas poucas.

A princípio ainda houve um hipotético movimento de interesse no meio operário pela U. L.; agora parece que tudo esqueceu, ou melhor, há apenas o interesse de dizer mal, chegando-se inconscientemente a abocanhar a minha honrabilidade, sendo curioso referir que tal atitude parte precisamente de indivíduos que se afirmam e eu não tenho o direito de o duvidar, meus camaradas.

Lutou-se nos primeiros meses com a regularidade dos intelectuais em virem até junto do operariado, possivelmente por saberem que a frente da U. L. se encontravam apenas quatro operários sem cultura mas com uma vontade grande de serem úteis à colectividade. Vencida essa dificuldade importante, outra surge não menos digna de nota. Era o proletariado que não vinha acatar a nossa modesta obra, mas iniciada auspiciosamente.

As duas últimas conferências, a-pesar-de realizadas no centro da cidade, a última na sede da U. S. O., estiveram para não se efectuar por falta de ouvintes.

A-pesar-de diariamente convidado o proletariado a inscrever-se sócio, não o fariam e os poucos inscritos (174) como durante o verão não se podessem realizar conferências, por estarem ausentes os indivíduos que as podiam fazer, deixaram na sua maioria de pagar cotas, afirmando que não sabem o que tem sido feito ao dinheiro, porque se esquecem, proposadamente, que adquirimos uma projectora por 1.000\$000 e que tivemos que montar embora não tendo sede, toda a escrita social, adquirindo livros, impressos, etc.

Convocada por duas vezes a assembleia geral para apresentação de contas e nomeação dos corpos-gerentes, a mesma não se efectuou, porque da primeira vez apareceram ao todo três pessoas e da segunda quatro!

Há duas mil e quinhentas circulares para enviar para o correio, há mil e duzentos cartazes de propaganda para distribuir e afixar e não há quem queira aceitar o mais insignificante cargo.

Magoua-me ter durante um ano trabalhado sem alarde, mas metódicamente, na montagem da engenharia administrativa, etc., da U. L., conseguindo com uma pequena receita que a mesma possuía o que é mais imprescindível ao seu funcionamento e não encontrar agora quem, com mais recursos e vagar do que eu, desenvolvesse a actividade necessária ao seu regular funcionamento. E' caso para dizer que, nem depois de mastigado, querem engulir o comer.

Dentro em poucos dias vou convocar novamente a assembleia, oxalá que seja melhor sucedido e que lá apareçam os meus camaradas que não sabem o que foi feito ao dinheiro...

Porto, 31-10-32. — J. Vieira Alves, da Comissão Organizadora.



Do estatuto confederal

CAPÍTULO I DOS OBJECTIVOS.

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho, constituída com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física.

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção.

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral, da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Teatro APOLO

AINDA ESTA SEMANA
O BRILHANTE DRAMA

O SALTIMBANCO

ESTREIA da actriz Na próxima semana a peça do dramaturgo IBSSEN

O INIMIGO DO POVO

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 10 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

'A Batalha' na provincia e arredores

Oeiras

A burla eleitoral

OEIRAS, 4. — Coube desta vez aos chamados «esquerdistas» apresentarem a sua mercadoria ao povo desta localidade.

Na verdade a reunião despertou certo interesse pois que o Teatro Taborda se encontrava quasi cheio de gente e também é certo os oradores dizerem coisas muito bonitas, que naturalmente não cumprirão como já é costume nos seus antecessores.

Carlos Araújo protestou contra a manutenção como prisão da Torre de São Julião, referiu-se em termos enérgicos contra as deportações e prisiones sem culpa formada aconselhando por último o povo a votar na lista esquerdista.

Na mesma ordem e sempre com grandes «engraxadelas» ao povo desta localidade, dissertar outros oradores, sendo por fim apresentados os pretendentes a pais da pátria que prometeram muitas coisas bonitas. Porque será que o «povo anónimo» tem tanto lustro agora?...

Covilhã

Uma scena bárbara

COVILHÃ, 3. — Na passada segunda-feira ocorreu um facto que revoltou todos os que a ele assistiram ou dele tiveram conhecimento.

Como um cão hidrófobo houvesse mordido dois suínos, as autoridades locais intimaram o dono destes a apresentá-los a fim de serem exterminados.

Obedeceu o homem, prontamente, e, ontem, pelas 11 horas da manhã, foram os animais levados ao sítio do Gamaireiro, acompanhado pelos dr. Jaime Robalo, Cardoso, veterinário, o agente da policia n.º 2, um moço que habitualmente se ocupa em varrer o municipal e os donos dos cães.

Chegados ao local destinado à execução, em lugar de matarem os animais a tiro, o que teria sido fácil, pois o «digno mantenedor da ordem» ia armado com a *Savage*, o illustre e intelligentíssimo dr. veterinário, intimou os donos dos condenados a morte, a matarem-nos com uma enxada, ao que estes se recusaram.

Em face disto o policia ordenou ao varredor que servisse de carrasco, mas como este, por inexperience ou pouca vontade, não vibrasse os golpes com a violência que a sangüinária autoridade desejava, dignou-se a própria desempenhar tal mister, despedindo golpes sobre golpes. Os infelizes suínos já tinham a cabeça desfeita mas, contudo, não estavam ainda mortos.

Foi então que o caso tomou um aspecto horrível.

Os animais foram untados de petróleo e depois de metidos numa casa lançaram-lhes fogo. As chamas ao lambem os corpos provocavam horríveis queimaduras, devido às quais os desventurados quadrúpedes se levantavam dando urros de desespero e dor, que contrariavam a alma mais empedernida, vindo depois a expirarem no meio de tão canibalesca e bárbara tortura.

Todos os que presenciaram o caso protestaram indignadamente e nós, por nossa vez, apontamo-lo à Sociedade Protectora dos Animais, para esta galardoar o feito do digno agente da autoridade bem como do eminente veterinário... C.

Seixal

Mendigando votos

SEIXAL, 3. — Realizou-se nesta localidade de uma sessão de propaganda eleitoral.

Depois de terem usado da palavra diversos oradores, os operários Manuel Nata e Cambalacho, num veemente protesto contra os potentados e contra a U. L. E., atacaram o Parlamento. Em seguida o sr. Tavares de Carvalho, que é recebido friamente, começou descrevendo os melhoramentos a fazer neste concelho, tais como a reparação de estradas que se encontram intransitáveis, dizendo que foi ele o único que no Parlamento mais pugnou pelos interesses desta vila, nunca se esquecendo de exigir medidas atinentes a combater a carestia da vida, afirmando que se nada conseguisse esta que causou grandes gargalhadas na assistência. Por fim pediu que votassem na sua pessoa, pois que, além da defesa que tomaria dos melhoramentos destruição, não se deviam os eleitores esquecer que ele tinha sete filhos. A sua oração parecia a lamúria dum pedinte num arraial de provincia, mas não conseguiu comover os ouvintes, alguns dos quais o interromperam várias vezes, parecendo-nos até que o homem não ficou com vontade de cá voltar... C.

Lede o Suplemento de 'A Batalha'

Teatro Nacional

HOJE

Telefone Norte 3049

EMOCIONANTE ESPECTÁCULO COM A BRILHANTE PEÇA

DE

Carlos Selvagem

MIRAGEM

OPTIMA INTERPRETAÇÃO CONJUNTO HARMONIOSÍSSIMO

EDEN THEATRO

Direcção artistica de HENRIQUE SANTANA

A's 2,15 — HOJE — A's 9 e um quarto

EM ESPECTÁCULO INTERNO — ENORME SUCESSO

A espirotosa e galante revista original de João Saraiva

e António Carneiro

Números aplaudidos entusiasticamente. — Lindíssima música

ESPLINDENDO DESEMPENHO em que sobressaem CREMLINDA DE OLIVEIRA

HENRIQUE ALVES e GUILHERME CAUPERS — Peça de grande aparato

A COACÇÃO DA RAINHA DOS MERCADOS

Movimentada e artistica encenação de Henrique Santana e Henrique Alves

Lindo guarda roupa, deslumbrantes scenários

NÃO HÁ ENTRADAS DE FAVOR

COLISEU

HOJE — Às 21 (9 da noite) — HOJE

Surpreendente e extraordinário trabalho

DA

Grande Companhia de Circo

Grandioso e incomparavel successo da

Bela foto amestrada

Os mais admiraveis e interessantes exercícios

PROGRAMA NUNCA VISTO EM PORTUGAL

Domingo — GRANDIOSA MATINÉE

ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

NA INDIA

Consequências nefastas da religião

Os jornais ingleses informam que se têm dado novos tumultos em Bombaim devido às questões religiosas.

Foram assassinados dois homens e ficaram feridas umas vinte pessoas, durante uma luta que houve em Chopalour, entre hindus e mussulmanos.

A cidade de Chopalour fica no distrito de Bombaim e a sua população é em grande parte mussulmana.

Parece que os tumultos começaram na ocasião em que passava uma procissão religiosa que os hindus faziam nas proximidades duma «mesquita». Os mussulmanos julgaram-se ofendidos por suporem que os hindus tinham passado por ali para os amesquinhar.

NA CHINA

Os revoltosos ganham mais uma batalha

Os partidários do marechal Cheng-Tso-Lin e os do marechal Ou-Pei-Fou declararam ambos que o exercito do seu partido conseguiu uma grande vitória, causando ao adversário inúmeras perdas.

Parece que os soldados de Ou-Pei-Fou ocuparam Asuehufu.

A attitude do general cristão Feu-Pu-Asiang continua indecisa.

NA INGLATERRA

Uma nova greve de ferroviários

Em virtude do secretário da União nacional dos ferroviários de Londres ter mandado colar uns cartazes numa estação de mercadorias desta cidade, a Companhia do caminho de ferro mandou-os arrancar, alegando não ter sido dada avisada.

Em sinal de protesto, 1400 ferroviários puzeram-se em greve nas três grandes estações de mercadorias da cidade de Londres, atrasando assim a partida dos vagões carregados de mercadorias.

INSTRUÇÃO

Matriculas de instrução primaria

Estão abertas as matriculas para as aulas de instrução primaria das noites das 21 às 24 horas, abrindo as aulas no próximo dia 9, na Associação dos Empregados Menores do Comércio e Indústria.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 580.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 250.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 580.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 680.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 1080.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2500.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 800.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 580.

A História do Movimento Macronista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archimoff. Preço 1080.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Nacional

«Miragem» por Carlos Selvagem

Não há meio de inovar no nosso teatro. E, quando dizemos inovar, referimo-nos à relutância das empresas em representar teatro moderno e à obscuridade dos dramaturgos em repudiar processos sedícios, já demasiadamente condenados.

O público tem contribuído muito para este lamentável estagnamento, concorrendo com entusiasmo a velhas peças, enchendo as salas onde elas são exibidas, deixando, pelo contrário, desertas as representações de bom teatro em que mais alguma coisa se aproveitou do que o simples regalo da vista e da curiosidade.

Ainda assim, na música, os horizontes têm-se aberto mais. Ou por snobismo ou por convicção, ouvem-se e às vezes até se preferem, os compositores modernistas, Strauss, Debussy, Falla, Pizetti, Respighi, Stravinski, sem querer falar na facilidade com que foi recebida a escola russa, hoje tão familiarizada entre nós.

Porque será assim? É fácil a resposta. Os dirigentes do movimento musical português não hesitam em vulgarizar os autores mais agueridos no movimento inovador do estrangeiro no que respeita a técnica e a expressão musical. O público vê-se forçado a ouvir, a ouvir muito, e a insistência ganha terreno no acatamento e o que ontem era nebuloso, torna-se em breve compreensível, depois simpático e por fim indispensável. Os próprios compositores portugueses buscam imprimir às suas obras uma orientação consentânea com os progressos contemporâneos.

No campo dramático não se dá o mesmo. As plateias habituadas ao velho repertório e à má produção actual, não acham meio de conhecer o que de inovador está espalhado pelo mundo, e os empresários trazem do estrangeiro o que lá há de fútil, procurando unicamente entreter, para que a bilheteira esteja concorrida e os lucros vão dando para a continuação dessa importação de arte dramática de fãncaria.

Se uma tentativa isolada é mal recebida, ou frouxamente acolhida, muda-se de rumo e por esta forma já mais o público se habituara a ouvir e a sentir o que na verdade merece ser ouvido e sentido. A quem compete, portanto, estabelecer a corrente, carilando as atenções, apurando os gostos e insinuando às empresas qual o seu caminho?

Evidentemente aos dramaturgos.

Mas o que fazem eles? Escrevem peças em que se tratam assuntos considerados velhos, já há vinte anos, despresam os processos modernos de fazer teatro e desatam a recitar panacelas incômodas para o bom gosto, sem um assomo de inovação, sem uma tendência de progresso. Sempre o adúltero, o enredo amoroso piegas, a trágico-comédia barata, géneros há muito gastos no mercado dos países civilizados e só gratos ao paladar dos octogenários e dos militares sem graduação.

Não há o lampejo duma ideia, um frémito, um anelo, de beleza, porque em geral as peças portuguesas, salvo um ou outro autor, e, em cada um, uma ou outra peça, são fúteis de sentido literário, áridos de conformação estética.

A abertura do Nacional com o drama de Carlos Selvagem «Miragem» não modificou este nosso modo de ver. O autor de «Entre giestas» veio provar-nos que, longe de enveredar pela orientação da dramaturgia moderna, em que cabem tantos assuntos de interesse e de arte, preferiu lançar mão das antiquadas scenas de família em que apareçam todas as características do velho drama com pistolas a desenferjar, duelos a resolver questões de honra, amor em barba a adocicar a existência e finalmente resoluções heroicas rocambolescas a fechar a peça, armando à lágrima sem nada solucionar e deixando o espectador confuso, desorientado. As personagens mexem-se, não se movem, a propósito e a despropósito, nas suas bocas geram-se frases rebuscadas, não sei se para infelizmente criarem um ambiente de beleza e elegância. O primeiro acto, o pior da peça, deu-nos a impressão de que o autor se serviu daquela reunião familiar para ter ensejo de nos apresentar uma sociedade de gente em que a ilustração se reduz a falar na sonata de Beethoven «Clair de lune», em Schubert e em sonetos de Antero. O diálogo é espremidamente prefereciioso, vazio, descolorido e sem naturalidade.

Nos outros actos as situações são forçadas à maneira antiga. Quando os personagens entram em scena, o público está já farto de saber que elas chegam. E' chocante o diálogo propositado entre os dois amantes, quando aguardam a entrada do irmão da adúltera. Seria melhor exclamar: «Vamos conversando enquanto ele não chega». O público no momento psicológico da entrada desapertaria da alma um A!

Além disso a peça tem infantilidades espantosas de exibição cultural, como sucede com a inclusão do romance «La garçonne», na livraria do engenheiro, onde se vê não mais de uma dúzia de livros, o que é pouco para o seu valor mental, encarecido no 1.º acto.

Junta-se mais a intromissão de figuras episódicas que não atuam nem desatam como a da criada e a do general, que só tiveram a vantagem de evidenciar dois belos trabalhos de Palmira Torres e Joaquim de Oliveira.

Positivamente, o sr. Carlos Selvagem não foi feliz na sua *Miragem*, que nem dramaticamente se aproxima do título.

O desempenho foi o mais equilibrado possível.

Erter Leão, com nervos, com elegância, ouviu muito bem no último acto. Ribeiro Lopes realizou com segurança o tipo seco, frívolo e amoral que lhe está marcado.

Clemente Pinto, embora agarrasse no papel pelos cabelos, não conseguiu o milagre de fazer dele o que ao autor foi vedado. Correctamente, Albertina de Oliveira, Luís Pinto, Aurélio Ribeiro e José Balsemão. António Pinheiro que com inteligência dirigiu artisticamente a peça, muito bem numa rábula.

Muito feio o cenário do 2.º acto.

Nogueira de BRITO

Recital de homenagem a Berta Singermann

A direcção da Associação Académica da Faculdade de Letras de Lisboa organizou para hoje, às 17 horas, um recital de homenagem a madame Berta Singermann.

Agradeçamos o convite que nos foi dirigido.

Reclames

A accção da nova peça «Miragem», em

Ultimas notícias

Mais deportações?!

Um tético boato de que não conseguimos confirmação

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

A greve da classe corticeira, valorosamente iniciada em algumas localidades, atinge hoje quasi todos os grandes centros industriais da cortiça

O operariado corticeiro de Silves acaba de notificar a sua adesão

O grande exemplo da família corticeira, acatando a proclamação da greve da Federação Corticeira, ficará gravado na história do movimento operário como uma página gloriosa.

A junção às adesões já publicadas temos hoje a referir o gesto dos operários corticeiros de Silves, terra de tradições revolucionárias, várias vezes à custa de muito sangue, solidarizando-se com a proclamação da Federação Corticeira.

Desde o dia 29 do passado mês que os corticeiros de Silves, moralmente, estavam em greve. Nesse dia foi votada a greve em princípio. Desde esse dia, pois, que a greve palpitava no coração de cada grevista silvense.

Mas estas grandes provas de coesão, mas estas grandes manifestações da vontade duma classe não têm sido vistas pelos industriais, cuja miopia moral não os deixa ver este grande fenómeno.

Não só ainda não tomaram uma decisão conveniente com a situação — respeitando os salários dos operários — como até se têm utilizado do auxílio que o governo, sempre parcial contra o operariado, lhe vai dispensando. De nada lhe valerá esse apoio, que afinal é um apoio efêmero.

Nota do Comité da greve

Camaradas: Intensifica-se a luta em que nos lançou a maldosa ganância do industrialismo mancomunado nesse organismo de ordem chamado Associação Industrial Portuguesa. A renitência com que nos está negando o direito a viver sob o pretexto de que melhoraram as condições de vida, é tanto mais injustificável quanto é certo que não só os salários que antes da greve estavam aniquilados eram já incompatíveis com as necessidades dos lares, como, porque assim o reconheceram, alguns industriais doutas indústrias, como os têxteis da Covilhã e os da construção civil de Guimarães, desistindo de reduzir os salários aos seus assalariados.

Provocados para esta luta, só nos resta mantê-la até que tenhamos convencido os nossos adversários e afugentado o espectro da fome que nos espreita.

Os corticeiros de todo o país vão demonstrando, não esquecendo as suas tradições. Ontem chegou a este Comité um animador, comunicado de Silves em que nos é referido ser ali a paralisação absoluta. É mais um dos mais importantes centros da indústria corticeira do país que se solidariza com o movimento.

O momento é solene não só para todos os corticeiros como duma moda geral para todas as classes trabalhadoras. O patronato busca vencer o nosso reduto para mais facilmente se lançar contra outros.

Urge que a solidariedade entre todos os explorados se torne inquebrantável. Para ela vamos apelar. Os nossos industriais pretendem continuar todo o seu movimento de cargas e transportes de cortiça, e para isso dizem contar com a fraqueza das classes de transportes. Para todos os camaradas dessas classes este comité apela esperando de que eles saberão cumprir o seu dever de camaradas e de solidários.

No sentido de tornar mais consistentes os elos da solidariedade que deve existir entre os trabalhadores, a Federação Corticeira apela para a Federação Marítima e espera ser atendida.

Resta que em todo o país todos os corticeiros lutem com denodo para vencermos esta causa humanamente justa.

Sejamos, portanto, solidários!

O Comité

A Federação Corticeira Nacional toma resoluções

Reuniu o Conselho Federal da F. Corticeira que se ocupou da atitude dos corticeiros, que altamente lutam contra a pretendida baixa de salários, correspondendo assim, nobremente, ao apelo dirigido por este organismo.

O Conselho ocupou-se também das conclusões duma moção aprovada pelo Conselho Federal da Federação Marítima, tendo resolvido oficial a este organismo solicitando-lhe o envio completo da referida moção para a apreciar no Conselho que volta a reunir hoje para esse fim, às 13 horas.

Como alguns delegados afirmassem que nas respectivas localidades, que no Conselho representam, há industriais que malevolamente propagam que a Federação aceitou a baixa de 20%, estabelecendo assim acordo com a Secção de Cortiças, resolveu, mais uma vez, tornar público que isso é falso, recomendando a esses senhores que se dirijam à Secção de Cortiças da A. I. P. e ali peçam os officios desta Federação com as datas de 21 de Setembro e 19 de Outubro, para não fazerem afirmações gratuitas.

Em Belém

Reuniram os operários corticeiros da área de Belém para apreciar a greve que desde sábado se mantém corajosamente.

A-pesar-de à assembleia ter sido dado conhecimento de que há industriais que já atendem as reclamações, isto é, que não reduzem os salários, foi resolvido manter a greve até que a Federação determine em contrário.

Foi ainda aprovado um documento, à face do qual a classe reclama a percentagem de 10% correspondente à primeira semana de Outubro, se os industriais não resolverem o conflito dentro de oito dias.

Em Almada

ALMADA, 5.—Como nos dias anteriores, continua em desfalcimento a greve dos corticeiros nesta localidade.

Na reunião da classe ontem realizada, o

delegado à F. C. N. expôs à assembleia a marcha do movimento no país, tendo a assembleia manifestado o seu regozijo pela solidariedade dispendida aos corticeiros de Silves pelos marítimos daquela localidade. A assembleia resolveu que a classe reúna hoje, às 10 horas, para resolver sobre um assunto importante, reunindo depois normalmente, isto é, às 17 horas.—E.

No Seixal

SEIXAL, 5.—Com a coragem do primeiro dia a greve corticeira prossegue, não havendo a mínima defecção.—E.

Na Amora

AMORA, 5.—Não sofreu alteração a greve dos corticeiros. O moral dos grevistas é excelente.—E.

No Barreiro

BARREIRO, 5.—Como de costume, tornou a reunir a classe para ouvir o seu delegado junto da federação e apreciar a greve.

A classe encontra-se satisfeita com a fase que atravessa o movimento, estando no firme propósito de continuar, através de todos os sacrifícios, até que os industriais abdicuem da sua desumanidade.

Não se registou facto algum anormal, continuando por enquanto, todos os corticeiros na mesma atitude pacífica embora se note já alguns vestígios de desespero pela atitude dos industriais.—E.

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 5.—Não há palavras que possam traduzir o nosso contentamento produzido pela coesão admirável que mostraram os grevistas corticeiros no movimento que mantém há dias sem desfalecimentos.—E.

Em Sines

SINES, 4.—O nobre exemplo dos marítimos solidarizando-se com os corticeiros no seu movimento tem sido muito louvado. Os grevistas corticeiros, unidos como um só homem e encorajados pela solidariedade dos marítimos, não tardará que levem de vencida os industriais.

Em Silves

SILVES, 4.—Os corticeiros desta cidade acabam de secundar o movimento geral da classe. Na assembleia desta numerosa classe foi repudiada a baixa de salários e aprovada a seguinte moção:

«Considerando que os industriais corticeiros pretendem baixar os salários novamente à família corticeira; que os géneros indispensáveis à vida não baixaram de forma a que neste momento se consinta qualquer baixa;

que em face da pretensão a Federação Corticeira proclamou a greve geral;

Os corticeiros de Silves, reunidos, resolvem:

1.º Repudiar a pretensão aviltante dos industriais, desde à proclamação da greve;

2.º Fazer sentir duma forma enérgica e consciente que os corticeiros de Silves sabem fazer valer as suas justas reclamações;

3.º Adirir desde o início da greve e dar toda a força à Federação para resolver tão importante assunto com vitória para a classe;

4.º Ficar em sessão permanente.»

Terminou a sessão aos vivas à greve e abaixo o industrialismo.

A paralisação é absoluta.

Em Setúbal

SETÚBAL, 5.—Sem desfalecimentos prossegue a greve corticeira nesta cidade. As fábricas foram abandonadas pelos operários o que deu um aspecto grave à vida cittadina.

O moral dos grevistas é excelente, não havendo memória de semelhante demonstração de força operária.

A classe reúne às 16 horas.—E.

Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 5.—Passou mais um dia de greve da classe corticeira sem que se notasse a mais leve nota desagradável para os grevistas que se encontram firmes e unidos.—E.

Em Aldegalega

ALDEGALEGA, 5.—Os valentes grevistas corticeiros afirmaram mais uma vez a sua consciência de classe organizada. Na greve que mantém com firmeza e decisão não há defecções.—E.

Em Castelo Branco

CATELO BRANCO, 4.—A greve dos operários corticeiros nesta cidade continua com o maior entusiasmo e sem defecções.

A fábrica Tavares & C.ª tinha uns vagões de cortiça que necessitava descarregar e como ninguém se prestasse a isso, inclusivamente os descarregadores do caminho de ferro, tiveram os patrões de juntamente com os criados, fazer a descarga.

A classe tem estado em sessão permanente. Na reunião de hoje foi apreciada a atitude dos encarregados que, na generalidade, ficaram a trabalhar, sendo resolvido convidar esses energúmenos a acompanhar os seus camaradas sob pena de procedimento mais severo.

Tomou-se conhecimento de que o industrial Severino, jesuita sem escrúpulos, tinha arrebanhado pessoal em Tinalhas para trabalhar na sua fábrica, tendo a assembleia, indignada, tomado resoluções tendentes a evitar essa traição.

Po fim foi aprovada uma moção de protesto contra a protecção do Estado aos industriais, com as seguintes conclusões:

1.º Protestar enérgicamente contra a intromissão do Estado nos conflitos entre o patronato e o operariado;

2.º Repudiar os políticos democráticos que governam o país e que protegem a classe dos exploradores, a-pesar-de, neste momento, se dizem amigos do povo por se estar em época de eleições;

3.º Afirmar toda a solidariedade

de ao operariado corticeiro em greve; 4.º Continuar em luta até que os nossos inimigos, o Capital e o Estado, sejam esmagados pela nossa acção e até que consigamos uma vitória completa.

A sessão terminou com vivas à greve, à Federação Corticeira, C. G. T. e Batalha.—C.

Operários do mobiliário da casa Diamantino & Branco

A constatar com a irredutibilidade dos industriais, os grevistas continuam mantendo-se firmes e conscientes da sua atitude. Tem aqueles senhores uma errada visão do momento que atravessamos. Pois que há que justifique uma baixa de salários? Nada inequivocamente. A não ser um desejo de maiores lucros. É conveniente pois que os srs. Diamantino & Branco reflitam um pouco. Por certo que os seus orçamentos caseiros não sofreram redução; portanto não é justo, não é humano pretender reduzir o dos seus operários, que com dobrada razão, precisam de o manterem senão de o aumentarem. Demais a manutenção dos salários que os grevistas auferiam não lhes traz nenhum sacrifício.

Não será apenas com o encarregado, esse asqueroso Batalha, que suprirão as exigências da sua oficina.

Acabam de o enviarem para o Estoril, com o pretexto de ir lá acabar uma obra de um freguez particular; porém, à boca pequena diz-se que o verdadeiro motivo foi a cobardia desse traidor que teme ver o seu gesto vil premiado por algum exaltado. Aos grevistas, porém, aconselhamos serenidade.

A justiça está do seu lado, e se bem que vivamos num tempo em que quem vence é o forte e não o justo, isso não impedirá de verem coroados de êxito os seus esforços, desde que continuem lutando com a galhardia com que o têm feito.

Hoje, às 17,30, reúnem novamente os grevistas.

A comissão de resistência na sua reunião de ontem, resolveu convidar o pessoal de todas as casas que auferiam salários inferiores a 22500 a enviarem hoje, às 17,30 horas, delegados ao Sindicato a fim de prestarem informes a esta comissão.

O pessoal dos Matadourinhos continua a reclamar a libertação de Manuel dos Santos

O pessoal dos Matadourinhos Municipais encontra-se indignado contra a prisão arbitrária que ainda se mantém do operário Manuel dos Santos, sobre quem pesa a calúnia acusação de bombardeio.

Como os leitores sabem, o pessoal dos Matadourinhos já fez uma greve de protesto de 24 horas contra essa detenção arbitrária. O pessoal superior dos matadourinhos e várias criaturas de destaque da Câmara Municipal foram junto da polícia reclamar também a libertação de Manuel dos Santos e abonar o seu exemplar comportamento.

Mas a polícia, na sua fúria de arranjar vítimas, não se demove perante as razões mais fortes.

Não é humano que esse operário esteja, por um simples capricho policial, privado da liberdade, do convívio de sua mãe e de seus três filhos. Toda a gente que conhece de perto Manuel dos Santos sabe que ele é incapaz de praticar qualquer acto bárbaro e condenável.

O processo desse operário está cheio de inexactidões, de falsidades, que a polícia propostamente inventa para justificar aquela infame detenção. Querem à viva força que ele tivesse colocado a bomba à porta do vereador Freire da Cruz.

O agente que está procedendo às investigações não quer escutar os depoimentos das testemunhas de defesa, em compensação dá toda a importância e todo o vulto às testemunhas de acusação. Vê-se o propósito de procurar por todos os meios, não obter informações claras que conduzam à verdade, mas calúnias que façam passar por bombardeio uma pessoa séria.

Há uma senhora que se atreve a afirmar ter visto, numa noite escura, sem iluminação, pela 1.ª da madrugada, Manuel dos Santos no local onde a bomba explodiu. Nessa noite escura conseguiu ver que ele tinha bigode à americana, que era baixo, magro e moreno! Poderosa vista a da virtuosa senhora!

Pois o pessoal dos Matadourinhos tem informações de que a referida senhora na manhã seguinte ao atentado, declarou à porta da sua residência que o indivíduo que colocou a bomba era alto, forte e ia disfarçado de estudante.

Continua o pessoal dos Matadourinhos a reclamar a imediata libertação de Manuel dos Santos que não pode continuar a ser vítima das maquinacões policiais.

Comissão Pró-presos por Questões Sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão para abreviar os trabalhos da lista do quadro de cortiça que vai ser sortido pela lotaria do Natal.

Brevemente serão indicados os locais onde se encontram, à venda, revertendo uma parte do produto a favor dos presos por questões sociais.

Um convite às famílias dos pedreiros presos

A secção profissional dos pedreiros do Sindicato Unico da Construção Civil, convida a família dos pedreiros presos por delito social a comparecer hoje, às 21 horas, para assunto que lhe diz respeito.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

INTERESSES DE CLASSE

As acumulações e o número excessivo de aprendizes são os dois factores da crise de trabalho na indústria tipográfica

A crise de trabalho, na tipografia, deve-se, em grande parte, a dois factores: excesso de aprendizes e de acumulações. Para comprovar a nossa asserção vamos relatar alguns casos, que devem merecer a atenção dos componentes da numerosa classe.

A tipografia Lucas, na rua do Diário de Notícias, por conveniência para os seus proprietários, é composta na sua maioria por rapazes que uma vez auferindo 12500 ou 15500 são despedidos.

O conceito daqueles industriais é muito bizarro: mão de obra por preço insignificante, embora o orçamento seja feito em relação ao salário do oficial. Como é natural, o trabalho sai imperfeito e em condições que envergonham o invento de Gutenberg.

Mas há mais casos. O pessoal da oficina tipográfica “Rádio”, na rua do Século, de que são proprietários o sr. Contreiras e o ex-camarada Armando Dias, é composto por dois oficiais e sete aprendizes.

O pessoal da tipografia Neto, rua da Rosa, é composto por dois oficiais e seis aprendizes.

Como estas há muitas oficinas em que o trabalho é feito por rapazes, sem o mais leve conhecimento de tipografia.

No Diário de Notícias diariamente se pedem aprendizes com prática—meios oficiais como eles chamam—e é raro, muito raro mesmo, pedir oficiais.

E os meus amigos já sabem, porque a pouco e pouco o vão sentindo, o resultado deste excesso de aprendizagem.

Os velhos, aqueles que já produziram mais do que o suficiente para terem direito a uma vida um pouco mais descaçada, vão sendo atirados para a rua, para a miséria, por não poderem produzir o mesmo que produz um novato, embora o seu trabalho seja mais perfeito.

Mas não são só os velhos, os substituídos. Os oficiais, aqueles que ganham mais de 20500, também sofrem os mesmos inconvenientes.

Numa oficina passa-se um caso, a meu ver, triste e que põe a claro o espírito tancanhado dessa criatura que o pratica que se diz avançado. Nessa oficina existem dois velhos, que embora cansados, cumprem o seu dever; o patrão e o chefe nada lhes tem a dizer porque eles produzem na medida das suas forças. Pois um dia, por um desses velhos ter reprimido um rapazola, que passava uma parte do dia na brincadeira, obteve pouco mais ou menos a seguinte resposta: O senhor não tem nada com isso, porque eu ganho menos mas produzo mais do que o senhor.

Esse rapaz, que é inteligente, ou pelo menos devia sê-lo, pois que anda numa escola nocturna vai para três anos não vê, que também ha-de vir a ser um velho. Adiante.

Torna-se necessário impedir por qualquer meio que venham mais aprendizes para tipografias, pelo menos, durante três ou quatro anos.

A nossa Federação de Indústria oficiou a todos os sindicatos gráficos pedindo para que lhe enviem uma relação dos funcionários públicos que se encontrem acumulando. O nosso sindicato vai enviar-lhe essa relação de harmonia com o que foi aprovado no Congresso Gráfico.

Mas não se podem considerar acumulações só as praticadas pelos funcionários públicos. Existem também indivíduos que exercendo o seu mister vão trabalhar depois das 8 horas regulamentares para outras oficinas, substitui um colega a um jornal; depois de terem trabalhado os desempregados, está certo, não considero acumulação, mas ir trabalhar duas ou três horas, diariamente, a uma outra oficina, é ir tirar um provável lugar a um desempregado.

Os serões diários devem acabar quer nos estabelecimentos do Estado — na Imprensa Nacional trabalha-se 10 horas diárias — quer na indústria particular, como seja, por exemplo, o Convento dos Marianos, sempre os padres. Ontem os frades dominicanos, hoje os protestantes — onde trabalhavam diariamente até às 23 horas. Desde que isto acaba, concerteza serão ali admitidos alguns desempregados.

Em tempos, pensei em organizar um cofre de Previdência, como tem o Sindicato de Profissionais de Imprensa, mas colegas meus não concordaram, dizendo-me que existia uma Associação de Socorros Mútuos “A Tipográfica Lisbonense” e eu continuo a ver velhos tipógrafos quasi pedindo esmola, embora sócios dessa associação.

Se o nosso sindicato tivesse um cofre de Previdência, eu sabia que a minha velhice, se lá chegasse, estava assegurada em parte.

E. C.

O SUPLEMENTO DE “A BATALHA” SOLIDARIEDADE

Pró-Severina Rosa

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma festa em homenagem a Severina Rosa, no Salão da Construção Civil, com um acto da canção nacional, o drama “Gatunos de luva branca”, original do ferroviário Jorge Teixeira, e a comédia “Sem mulher e sem bigode”.

Pró-Casimiro Firmino

A festa a favor do militante juvenil Casimiro Firmino, que se encontra na enfermaria de São Bernardo, do hospital do Desterro, por motivos imprevistos não pôde realizar-se no dia 31 do p. p., ficando marcada para o dia 9 de Janeiro.

Os bilhetes podem ser procurados na travessa de Água de Flor, 16, 1.º e na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista, calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Pró-José Filipe

Em favor de José Filipe, que se encontra preso há meses, os camaradas José Guerreiro e Luís Miguel promoveram uma quebra na Praça do Rio de Janeiro, que rendeu

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Ferroviária.—Com a presença de delegados dos Sindicatos do Sul e Sueste, Minho e Douro e Beira Alta, reuniu o Conselho Federal, não tendo comparecido os delegados da C. P., o que o mesmo tomou como uma desconsideração.

Vários assuntos foram tratados, sendo o principal a atitude do Sindicato da C. P., para com a Federação tomando o Conselho, que o analisou em todas as suas fases e admirado de que os esforços feitos para se chegar a uma solução favorável à organização não tenham produzido os resultados desejados, incluindo a Comissão delegada da C. G. T., cujo trabalho improficuo se deve ao procedimento do Sindicato da C. P., que não lhe facultou nenhum meio da mesma procurar a fórmula de solucionar a questão.

Atendendo ainda a que o referido Sindicato continua federado, mas não contribui há oito meses, o Conselho aprovou a seguinte resolução:

«Convidar o Sindicato da C. P., a definir a sua situação, isto é, continuar federado, contribuindo com a respectiva cotação e liquidando dos seus débitos, anulando a suspensão de relações, ou desfederar-se para regularização dumas condições anormais que não poderão subsistir.»

Deu o prazo de 30 dias para o Sindicato da C. P. se pronunciar.

Tratou-se Conselho da situação económica e moral dos ferroviários, resolvendo oferecer toda a resistência a qualquer ameaça que surja para diminuição de vencimentos.

O Conselho tomou conhecimento da resolução dos ferroviários do Minho e Douro que materializaram a sua adesão a partir de Outubro p. p., resolvendo mandar confeccionar o selo federal para ser utilizado por aquele organismo, e do desejo manifestado pelos ferroviários de Lourenço Marques em aderir à Federação, cuja correspondência trocada entre esta e a Associação dos referidos camaradas o satisfizesse impenso.

Nomeou para o cargo de secretário técnico, que continuava vago, o camarada Vilas Boas, do Sul e Sueste. Resolveu que a questão da conversão num só órgão do jornal A Federação Ferroviária fosse relegada à análise do 2.º congresso e sobre a realização deste resolveu levá-lo à prática logo que as condições financeiras da Federação o permitam e quando os Sindicatos aderentes o facultem também, moral e materialmente.

O Conselho protestou enérgicamente contra a atitude do delegado da C. P. António Sarraico, por ter falseado a verdade dos factos da reunião de 20 de Abril e 3 e 4 de Maio último, no seu pseudo relatório, repudiando este, por ele não traduzir a realidade dos factos, antes invertendo-o, de maneira a poder suscitar novos conflitos e agravar os já existentes.

Foram aprovados os relatórios da comissão executiva, do delegado ao Conselho e Congresso Confederal e os balancetes referentes aos meses de Abril a Setembro do corrente ano.

O Conselho aprovou a acção desenvolvida pela comissão executiva sobre as reclamações em curso; protestou contra as violências exercidas sobre o pessoal da Beira Alta; saudou a classe corticeira em luta, resolvendo prestar à mesma toda a solidariedade moral e monetária; nomeou delegados ao Conselho Confederal Manuel H. Rijo e Alfredo Pinto.

A Federação Internacional de Transportes saudou o conselho por meio de telegrama. Aprovou também o conselho duas moções contra as deportações e assalto à C. G. T.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.—Reuniu, dando despacho a vários expedientes, e resolvendo estabelecer uma cota de auxílio voluntário entre os simpatizantes desta comissão.

Resolveu também oficial ao Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa, sobre a possibilidade da organização da secção sindical dos manufactores de calçado do Alto do Pina.

Reúne hoje, pelas 20 horas, esta comissão para assunto urgente.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Federação Vinícola.—A comissão administrativa, pelas 19 horas, para assunto urgente.

Federação do Livro, do Jornal e Similares.—O secretariado pelas 18,30 horas.

S. U. Mobiliário—Comissão Administrativa.—Pelas 20 horas com a comparência de todos os componentes.

Federação Metalúrgica.—Às 21 horas, o conselho federal, para apreciação do relatório dos delegados ao Congresso Confederal apreciação de uma proposta dos delegados do Sindicato de Faro e tratar de diversos assuntos de interesse para a organização metalúrgica.

Comissão Administrativa.—Às 19 horas, para um assunto de transcendental importância.

Pintores da Construção Naval.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assuntos urgentes.

S. U. do Mobiliário—Comissão de vigilância do Bairro Alto.—Às 17,30 na sede do sindicato para um assunto urgente.

S. U. da Construção Civil—Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assunto urgente.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Rurais de Vila Boim.—Reuniram em assembleia geral tendo protestado contra o iníquo assalto que a polícia fez à sede da C. G. T. e contra as selvagens por ela praticadas.

Construção Civil de Tires e Arredores.—Amãhã, pelas 20 horas, realiza-se uma reunião de todos os portadores de passas das linhas da Sociedade Estoril, para ser nomeada uma comissão e tomar outras resoluções.

Ficaram incursos no art. 32 do regulamento todos os assinantes que faltam a esta sessão.

—Às 21 horas reúne a assembleia de sócios da Caixa de Auxílio na “Boim” para tratar de diversos assuntos nam com o funciona-

S. U. da Construção Civil da Guará.—Reuniu no passado dia 30 a assembleia para, entre outros assuntos, apreciar uma circular da F. C. C. sobre um movimento de protesto contra a crise de trabalho. Sobre este assunto falaram os camaradas Gonçalves Pereira, Alberto Castanheira e outros, sendo aprovado aderir à greve de protesto de 48 horas quando a Federação o indicar, e nesse mesmo dia realizar um comício público, para o qual será convidada a F. C. C. a fazer-se representar e distribuído um manifesto a todo o operariado local.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reuniu 3.ª feira, extraordinariamente, para apreciar uma entrevista publicada no jornal Diário de Notícias, aprovando o seguinte documento:

«Tendo o Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, constatado que numa entrevista publicada no jornal Diário de Notícias, no domingo dia 1 de Novembro corrente, são lançadas algumas calúnias e insinuações sobre os componentes, a acção e fins deste Núcleo, este Secretariado, no intuito de desfazer o que se pode deprender dessa entrevista, vem declarar que o Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa não é composto por assassinos e bombistas, porém sim por jovens trabalhadores que procuram, conjugando esforços e meios, cultivar a sua mentalidade, no sentido moral, social e intelectual da palavra. Outrosim, no selo do Núcleo não existem quaisquer agrupamentos ou corpos orgânicos que se destinem a outra coisa que não seja o desempenho do papel educativo dos Núcleos da Juventude Sindicalista. Nunca este Núcleo recebeu da Confederação Geral do Trabalho quaisquer importâncias destinadas ao fim tão torpemente mencionado na aludida entrevista, porque a índole e a missão destes dois organismos, bem conhecidos do proletariado consciente, são antagónicas daquelas que o entrevistado aponta.»

Nunca o entrevistado ocupou neste Núcleo o cargo de Secretário Geral, ao contrário do que se diz na entrevista, certamente para realçar a sua pessoa.

Lisboa, 3 de Novembro de 1925.—O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.